

A REPRESENTAÇÃO DAS DIMENSÕES ESPAÇO E TEMPO DOCENTE

Ariane Franco Lopes da Silva

Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação –
Mestrado em Educação da Universidade Católica de
Santos/UNISANTOS

arianefls@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo desta pesquisa é compreender como os elementos espaço e tempo que compõem a atividade docente são representados, utilizando o referencial teórico das representações sociais idealizado por Serge Moscovici. Participaram deste estudo quarenta (40) estudantes, com formação em áreas distintas, que cursavam pós-graduação em educação em uma instituição de ensino superior particular de São Paulo. Os sujeitos refletiram sobre a dimensão espacial e temporal da docência por meio da metodologia da evocação livre de palavras produzidas após os termos indutores espaço e tempo docente. As palavras produzidas refletiram representações distintas acerca da prática docente dos diferentes grupos de sujeitos. Este estudo pretendeu fornecer elementos a mais para se pensar em práticas formativas de professores e colaborar com a reorganização dos ambientes escolares.

Palavras-chave: Representações sociais. Representação do espaço. Representação do tempo. Prática docente.

THE REPRESENTATION OF SPACE AND TIME DIMENSIONS OF TEACHING

This research aims to understand how the elements space and time, that constitute teaching, are represented, using the framework of the theory of social representations created by Serge Moscovici. The subjects who took part in this study were forty students with distinct academic backgrounds. They were enrolled in a post graduation course in education at a private university in São Paulo. The subjects reflected upon the spatial and temporal dimensions of teaching through the free word evocation method after the inductive terms teaching space and teaching time. The words produced reflected different representations about teaching practice by the distinct groups of participants. The study aimed to give further elements to think about teaching training and contribute to the re-organization of school place.

Keywords: Social representations. Representation of space. Representation of time. Teaching practice.

Introdução

Os estudos que vêm sendo desenvolvidos na área de formação de professores têm assinalado a importância de considerar os saberes que servem de base para o trabalho docente. Para Tardif (2002), esses saberes encontram-se “na interface entre o individual e o social” (p. 16), compreendendo-os como “uma forma particular de trabalho sobre o humano” (Tardif; Lessard, 2005, p. 8). Por esta razão, este estudo propõe conduzir uma análise dos elementos básicos que compõem a atividade docente com um olhar para as relações que se estabelecem no contexto de sala de aula. Mais especificamente, procura-se desenvolver uma análise do espaço onde essa atividade se dá e onde se vivencia a relação professor-aluno.

O levantamento das representações do espaço docente pode revelar os elementos concretos e contextuais deste trabalho e como eles afetam a prática docente, pois a hipótese é que existe uma relação estreita entre a estrutura dos ambientes escolares e as interações que se estabelecem nesses ambientes. Uma segunda análise objetiva levantar as representações do elemento “tempo docente”, que revelaria os significados atribuídos a esse tempo e ao uso que se faz dele no ambiente de trabalho. A dimensão temporal da docência, com suas rotinas e ritmos próprios, repercute na interação professor-aluno, professor-professor e professor-administração da escola no sentido de lhes imprimir uma padronização. A análise das representações sobre o tema espaço e tempo docente pode vir a contribuir para se pensar em formas menos padronizadas de interações.

As representações sociais sobre um determinado objeto social têm suas origens nas relações entre as pessoas e estão enraizadas nos contextos sociais que as engendram. Essas representações têm a função de explicar os fenômenos, justificar a prática e orientar a relação com o mundo (Jodelet, 2001). Por essa razão, o entendimento que os sujeitos têm dos elementos espaço e tempo docente podem revelar as concepções compartilhadas pelos sujeitos pertencentes a um mesmo grupo social sobre esses elementos e revelar as variedades existentes entre os grupos. Como as representações assumem o papel de mediadoras das relações sociais (Moscovici, 2003), os sujeitos, que possuem formação em diferentes áreas e que exercem profissões diferentes, podem apresentar representações distintas acerca desses objetos e construir formas distintas de se relacionar com seus alunos.

Portanto, o que este estudo busca levantar é a representação dos elementos espaço e tempo docente em diferentes grupos de sujeitos e observar em que aspectos eles divergem ou convergem em suas representações. Esta comparação pode contribuir para a compreensão da variedade de saberes sobre a profissão docente e sobre a relação professor-aluno, professor-professor e professor-administração, além de contribuir com novas informações para o aprofundamento destas questões. Para se proceder nesta investigação, o *corpus* teórico foi constituído pela teoria das representações sociais idealizada por Serge Moscovici e pelos estudos de autores consagrados como Erving Goffman (1963), David Le Breton (2009), Foucault (1997), Michael Argyle (1988), Tardif e Lessard (2005), entre outros.

O espaço

Diversos autores têm se dedicado a estudar como as relações humanas ocorrem no contexto espacial. Goffman (1963) assinalou a importância de se considerar o espaço e o papel que ele desempenha nos encontros sociais, ao permitir, facilitar ou dificultar a comunicação entre as pessoas: “Spacing will of course ensure that “talk lines” are open, that is, that persons addressing one another in an encounter will have no physical obstruction to block the free exchange of glances”¹ (p. 161). Outros estudos apontam para a articulação entre espaço e corpo e o significado dessa relação nas interações humanas. Os estudos de Argyle (1988) sobre a comunicação corporal, por exemplo, apontam para os significados que podem ser extraídos das posições que as pessoas ocupam em um determinado espaço e dos movimentos que executam neste espaço. O autor observou o fenômeno da demarcação de territórios por grupos de pessoas, o que sugere o uso do espaço como um elemento que identifica o grupo e exclui os outros que não pertencem a ele. Para o autor, domínio e poder são expressos por meio do uso do espaço e pelo comportamento das pessoas nesse espaço, portanto as tentativas de aproximação se constituem em ações sociais. A posição no *setting*, para o autor, possui um valor simbólico e define o *status*, o cargo e a posição social da pessoa, que o ocupa: “Moving into another person’s territory is a special kind of social act”² (Argyle, 1988, p. 171).

Argyle aponta, também, para os códigos sociais que regem a ocupação e a movimentação em determinados locais, e como esses códigos são culturalmente determinados. Nas residências, por exemplo, o andar superior possui um significado simbólico distinto do andar inferior, e eles possuem regras de ocupação específicas. Argyle também lembra que o tamanho e o formato de uma sala, assim como a organização dos móveis, condicionam, limitam ou direcionam o comportamento social das pessoas que a ocupam, ao determinar a proximidade e o ângulo das orientações corporais: “The size and shape of a room, and the arrangements of furniture may act as constraints on how close and at what angle people sit. They may have to sit closer or at a different angle from the one they would prefer”³ (Argyle, 1988, p. 171).

As suas colocações nos auxiliam a entender a organização e o uso que as pessoas fazem dos ambientes escolares. Como a ocupação e o movimento em determinados locais são culturalmente determinados, as representações sobre esses espaços nos remetem aos significados atribuídos a eles. Esses significados emergem nas relações entre os atores que convivem na escola e se concretizam nas práticas docentes.

Podemos ver, também, na abordagem antropológica das emoções feita por Le Breton (2009), o papel e a importância atribuída ao espaço nas interações sociais. Para o autor, o espaço permite ou dificulta a troca de olhares, determinando a relação do indivíduo com os outros que fazem parte de seu mundo social. É por meio da troca de olhares que as identidades emergem e se

concretizam, pois é no contato com o outro que o indivíduo se coloca, ora se diferenciando, ora buscando semelhanças.

Na relação com o outro, o olhar é fortemente apreendido como experiência emocional, ele é reconhecido como uma marca de auto-reconhecimento. [...] O olhar outorga um rosto social, ao mesmo tempo em que legitima a presença do ator no mundo e ante os demais (LE BRETON, 2009, p. 225-226).

No ambiente escolar, a organização dos espaços pode permitir ou dificultar essa troca, o que teria um efeito nas relações entre os atores que nela atuam. Ao falar sobre a “classe” nos colégios, Foucault (1997) examina o aspecto espacial e físico desse ambiente acadêmico e toca na questão do olhar:

Pouco a pouco – mas principalmente depois de 1762 – o espaço escolar se desdobra; a classe torna-se homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob os olhares do mestre. A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios [...]” (FOUCAULT, 1997, p.125-126)

A influência do ambiente da sala de aula sobre o comportamento de alunos e professores já foi estudada por Sommer (1969). Para ele, a organização espacial das salas, a sua arquitetura e os seus objetos têm um efeito no nível e no tipo de interação entre os sujeitos que nela convivem. Adams e Biddle (1970) também observam uma relação entre participação e posicionamento no espaço. Os resultados do estudo indicam que existe uma maior participação dos alunos sentados na região central da sala de aula. O impacto de aspectos visuais, estéticos e organizacionais dos ambientes sobre a natureza das interações também foi objeto de estudos conduzidos por Maslow e Mintz (1956). Estudos mais recentes atentam para o fato das características estéticas do ambiente de sala de aula terem influência na proficiência dos alunos em testes, na resolução de problemas e na conceituação dos professores (Wolliun; Montagne, 1981).

Além de ter uma implicação na maneira pela qual os indivíduos interagem, a disposição dos móveis e das pessoas no ambiente escolar reflete um pensar sobre a educação, e é significativa da forma de se conceber as relações entre os atores alunos, professores e administradores escolares. A organização espacial do ambiente escolar adquire sentidos e imprimem significados aos grupos que os habitam. A forma como os sujeitos utilizam esse espaço pode estar relacionada aos saberes compartilhados pelo grupo social ao qual pertencem, e esses saberes orientam suas condutas e comportamentos neste mesmo espaço. Portanto, a representação do espaço informa sobre a representação das experiências vividas no local. As palavras associadas ao termo indutor, espaço docente, indicariam as imagens associadas a esse local e o uso que se espera, e que se faz dele. Essas imagens podem ser abrangentes, demonstrando aspectos comuns a sujeitos que

pertencem a diferentes grupos sociais, ou distintas, informando sobre especificidades próprias das representações de diferentes grupos de pessoas. Uma análise comparativa poderia trazer à tona essas representações.

O tempo

A representação do elemento tempo docente também se constitui em um importante objeto de estudo do pensar e do fazer docente. Foucault (1997) já havia voltado um olhar para essa questão ao se preocupar em articular a organização espacial escolar, que tornou possível “o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos” (p. 126), com a divisão temporal da aprendizagem. O autor comenta o surgimento da marcha por fila, para se dirigir de um lugar ao outro, e a elaboração das escalas de horários, remetendo à noção de tempo medido e útil, “sem impureza nem defeito” (p. 129), como formas de gestão do tempo e do espaço escolar.

O tema tempo docente ressurge no livro “O trabalho docente”, de Tardif e Lessard (2005), quando os autores discorrem sobre a natureza rotineira, ritmada e repetitiva da atividade do professor. Seguindo um esquema básico de aulas, intervalos, preparação, ensino e avaliação, que pouco muda e que independe do momento no ano ou mesmo da carreira, este é um trabalho com um esquema básico a ser seguido e com características de um ritual.

Tal esquema expressa a estruturação das atividades dos professores no seio da escola: *ele corresponde a uma organização imposta do tempo, do espaço e das tarefas, na qual se situa a ação concreta dos atores*. Esse esquema também comporta inúmeros aspectos informais, decorrentes menos de um planejamento refletido que de um ritualismo ou uma “rotinização” das atividades dos agentes escolares, bem como da própria cultura organizacional da escola, com suas maneiras características: campainhas, alunos em fila, deslocamentos controlados, etc. (TARDIF e LESSARD, 2005, p. 164).

Com uma visão mais direcionada às relações sociais, Knapp e Hall (1999) discorrem sobre o tempo como parte do ambiente comunicativo e que tem um papel fundamental na interação social. Apesar de apresentar variações culturais, o tempo para Knapp se refere ao “quando” algo acontece, à sua duração e aos padrões de intervalos, ou ritmos sociais. Os ambientes são, portanto, construídos para emitirem as mensagens temporais que desejamos comunicar. Neste sentido, o tempo docente é uma construção social e reporta às convenções próprias dessa profissão. As palavras associadas, ao termo indutor “tempo docente”, poderiam revelar as imagens associadas a este trabalho, que podem nos informar sobre os aspectos comuns e os próprios aspectos das representações de diferentes grupos de pessoas.

Tais imagens são marcadas, segundo Moscovici (2003), pela pertença a um grupo social. Neste sentido, a teoria das representações sociais nos auxilia a compreender os mecanismos pelos quais essas imagens se constituem para os estudantes de pós-graduação com formação em diferentes áreas. Ela permite analisar como esses estudantes articulam os conhecimentos sobre espaço e tempo docente que possuem características de senso comum, com as suas próprias percepções e experiências acerca desse espaço e desse tempo.

Sobre a pesquisa

O tempo e o espaço são faces de uma mesma moeda, pois o tempo vivido se materializa em ações e práticas contextualizadas em locais e ambientes que favorecem ou dificultam essas ações e as segmentam de determinada maneira. As conexões possíveis de serem estabelecidas entre os elementos espaço e tempo docente, com um olhar especial para a questão da relação professor-aluno, professor-professor e professor-administração escolar, levantam as seguintes questões: como sujeitos, com formações acadêmicas distintas, representam o espaço e o tempo docente? Em que aspectos as representações são divergentes e contraditórias e em que momentos elas se assemelham? O que essas representações indicam sobre as formas de se enxergar as interações entre os diversos atores que convivem em ambientes escolares?

Para se responder a essas questões foi aplicada a metodologia da evocação livre de palavras seguidas dos termos indutores: “espaço docente” e “tempo docente”. Em um segundo momento, foi solicitado aos participantes da pesquisa que apontassem dentre as cinco palavras a que consideravam a mais importante e representativa do respectivo tema indutor. O método de associação livre de palavras permite fazer surgir associações espontâneas relativas a esses temas. Elas revelariam as representações associadas aos temas e compartilhadas pelos membros de um grupo social com certa estabilidade (Bardin, 1977). A escolha da palavra mais representativa da série auxiliaria no levantamento detalhado dos eixos organizadores das representações. Na análise dos dados privilegiou-se o cálculo das palavras mais frequentes, e na formulação de categorias indicativas desse pensar enraizado nos grupos sociais.

Participaram da pesquisa 40 sujeitos com idade média de 30 anos. Eles foram subdivididos em três grupos distintos. O Grupo 1 foi composto por 11 sujeitos, do sexo masculino, formados em: técnico de gestão, administração, engenharia e matemática. O Grupo 2 foi composto por 13 pedagogas que exercem a profissão de professoras em escolas públicas e privadas de ensino fundamental (todas do sexo feminino). O terceiro grupo foi composto por 16 sujeitos formados em enfermagem (todas do sexo feminino). Os participantes cursavam pós-graduação *lato sensu* em Docência no Ensino Superior, em uma instituição de ensino superior particular de São Paulo.

Resultados

Formou-se um quadro geral, ou grade, que possibilitou visualizar as distribuições das palavras e calcular as freqüências. As tabelas 1 e 2, a seguir, nos oferecem uma visão geral da classificação realizada para os termos indutores espaço docente e tempo docente respectivamente. Em um primeiro momento, dividiu-se o número total de palavras pelo número total de sujeitos enquadrados em cada categoria (ver últimas colunas dos Quadros 1 e 2). Este cálculo no oferece uma visão dos agrupamentos mais comuns na população em geral. Em um segundo momento, os cálculos recaíram sobre cada grupo de sujeitos (formados em Administração/Engenharia/Gestão/Matemática/Pedagogia e Enfermagem) e as freqüências foram calculadas tendo como base o número total de sujeitos de cada grupo (ver colunas 2, 3 e 4 dos Quadros 1 e 2). Este cálculo permite observar os agrupamentos mais comuns para cada grupo e fazer comparações.

As palavras que eram idênticas ou muito próximas, em termos do que significavam, foram agrupadas em uma única unidade de classificação. Assim, foi contabilizado apenas um ponto para o sujeito que emitisse duas palavras classificadas na mesma categoria, como por exemplo, “luz” e “claro”. Com esse procedimento, foi possível apresentar os dados de forma mais concisa. A tabela 1 traz os agrupamentos mais frequentes de palavras referentes ao termo indutor “espaço docente”.

Quadro 1

Quadro 1: Distribuição das palavras em agrupamentos sobre “espaço docente”

Agrupamentos	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	% total
Móveis: cadeira, mesa.	27.27	30.75	25%	27.5
Materiais didáticos.	45.45	31.25	43.75	42.5
Iluminação: luz, claro.	9.09	23.07	31.25	22.5
Lugar de aprendizagem: estudo, pesquisa, reflexão.	36.36	53.84	37.50	42.5
Valor positivo: limpo, seguro, bom, conforto.	27.27	30.75	56.25	40
Valor negativo: cheio, barulho, frio, conflito.	18.18	15.38	18.75	17.5
Instituição, local, sala, biblioteca, laboratório.	18.18	15.38	25	20
Tamanho: grande.	9.09	7.69	12.5	10
Agente: alunos, colegas.	27.27	-	18.75	15
Agente: professor.	9.09	-	6.25	5
Localização, ambiente, retangular.	9.09	15.38	25	17.5
Relacionamento: encontro, interação.	36.36	69.23	18.75	40

Os resultados do Quadro 1 mostram que o termo indutor espaço docente fez surgir, em sua maioria, imagens relativas aos materiais didáticos (42.5% dos sujeitos) e imagens relativas a um lugar onde se aprende, estuda e pesquisa (42.5%). Em seguida, as palavras mais frequentes se referiam a imagens positivas

de um lugar seguro, limpo, bom e confortável (40%), e a imagens de um lugar que propicia o encontro e a interação com outros (40%).

Para o agrupamento “material didático”, as variações não são grandes entre o primeiro (45.45%) e o terceiro grupo (43.75%), mas um pouco maiores entre eles e o segundo grupo (31.25%). Para as pedagogas, os materiais didáticos estiveram menos associados ao termo indutor espaço docente que para os outros dois grupos de sujeitos. Quando associaram o termo a um lugar de aprendizagem, vemos uma inversão nas frequências. O Grupo 2, constituído por pedagogas, emitiu mais palavras dessa categoria (53.84%) que os outros dois grupos (36.36% - grupo 1 e 37.5% - grupo 3). Os resultados permitem afirmar que a associação entre espaço docente e um espaço de aprendizagem e estudo é mais significativa para as graduadas em Pedagogia do que para os outros dois grupos de sujeitos com graduação em Administração, Engenharia, Matemática e Enfermagem. Também parece ser significativa a associação entre o espaço docente e relacionamentos humanos para o grupo das pedagogas (69.23%), pois essa associação foi bem maior neste grupo que nos outros dois (36.36% - Grupo 1 e 18.75% - Grupo 3).

Se for observado apenas o Grupo 1, percebe-se que os materiais didáticos (45.45%) aparecem mais vezes como indicativos de um espaço docente que palavras que se referem ao relacionamento (36.36%) e a aprendizagem (36.36%). Já, no grupo das enfermeiras, imagens associadas à limpeza, segurança e conforto aparecem com maior frequência (56.25%) que as imagens associadas a um espaço onde ocorrem aprendizagens (37.5). Neste Grupo, as imagens associadas a um espaço onde as interações humanas ocorrem são ainda menores (18.75). Vê-se, também, no Grupo das enfermeiras um índice razoável de palavras associadas à iluminação e à clareza (31.25%) enquanto indicativas do espaço docente.

O Quadro 2 traz os agrupamentos mais frequentes de palavras referentes ao termo indutor “tempo docente”.

Quadro 2

Quadro 2: Distribuição das palavras em agrupamentos sobre “tempo docente”

Agrupamentos	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	% total
Segmentação: aula, semestre.	9.09	38.46	37.5	30
Organização, planejamento.	18.18	23.07	31.25	25
Tempo de serviço, aposentadoria.	18.18	46.15	37.5	35
Formação continuada, reciclagem.	18.18	23.07	18.75	20
Realização, reconhecimento.	27.27	7.69	6.25	12.5
Cansativo, demorado, insuficiente.	9.09	30.76	25	22.5
Aprendizagem, reflexão.	54.54	53.84	37.5	47.5
Doação, dedicação.	27.27	30.76	12.5	22.5
Relacionamento.	18.18	7.69	-	7.5
Atividades, reuniões.	9.09	23.07	-	10

Os resultados mostram que o termo indutor tempo docente fez surgir, em sua maioria, imagens relativas à aprendizagem, ao estudo e à reflexão (47.5%).

Em seguida, este termo fez surgir imagens relativas ao tempo de carreira representada pelas palavras “aposentadoria” e “tempo de serviço” (35%). A divisão do tempo letivo em “aula”, “semestre” e “módulos” (30% dos sujeitos) vieram, logo depois, como representativas do tempo docente. Para 27.5% dos sujeitos, o termo tempo docente remete à ideia de um tempo útil e importante. Depois, vê-se que, para 25% dos sujeitos, existe a preocupação em associar o tempo docente à ideia de ordem e planejamento. Um número menor de sujeitos (22.5%) associa o tempo docente a algo cansativo, demorado e insuficiente. As palavras dedicação e doação também apareceram para 25% dos sujeitos.

Quando comparados, os diferentes grupos apresentam variações nas frequências de palavras dos agrupamentos mais comuns. No agrupamento “aprendizagem e reflexão”, por exemplo, o Grupo 3 apresentou uma frequência bem menor de palavras que os outros grupos. Já, no agrupamento “tempo de serviço e aposentadoria”, tanto o Grupo 2 quanto o Grupo 3 apresentaram frequências altas de palavras. Este resultado pode significar que para as pedagogas e para as enfermeiras a questão da aposentadoria é significativa. Tradicionalmente, essas são profissões femininas e com baixa remuneração, fazendo com que as questões de segurança financeira no futuro surjam nos discursos com maior frequência. Contrariamente a este resultado, esta preocupação é quase inexistente no Grupo 1, composto por administradores, engenheiros e matemáticos (18.18%).

As representações do tempo docente, expressas pelas palavras aula, semestre e ano, que foram mais presentes nos Grupos 2 (38.46%) e 3 (37.5%), podem significar que as pedagogas e as enfermeiras estejam mais familiarizadas com essa forma de segmentação e organização do tempo letivo que os componentes do Grupo 1 (9.09%). Embora todos os sujeitos, de alguma forma, tenham vivenciado a segmentação do tempo escolar em aulas, semestres, anos ou até módulos, para as pedagogas, esta organização possui um significado especial, pois ela faz parte de seu cotidiano profissional. Para as enfermeiras, provavelmente este é um saber originário do ambiente escolar dos filhos ou do convívio com crianças que fazem parte de seu convívio. Portanto, essa forma de segmentação do tempo apareceu enquanto representativo do tempo docente.

Embora o agrupamento contendo as palavras “organização e planejamento” não tenha obtido uma alta frequência em todos os grupos, foi interessante notar que foi o Grupo 3 o que mais associou tempo docente com planejamento (31.25%). Para as pedagogas, essa associação foi bem menor (23.07%). É difícil afirmar o que determinou o pouco uso dessas palavras, uma vez que elas exprimem justamente o uso consciente e pré-determinado do tempo. Entretanto, uma provável explicação para esse resultado é que as pedagogas associaram o tempo docente ao presente, a um fazer relacionado à aprendizagem e a atividades do dia-a-dia no trato com os alunos. Nesse sentido, as atividades de planejamento e organização, que teriam suas raízes em práticas passadas, mas que antecederiam o presente, ficaram em segundo plano.

Significativo também foram as frequências relativamente baixas de palavras observadas nos agrupamentos “relacionamento” (7.69%) e “formação continuada” (23.07%) no grupo das pedagogas. Esses sujeitos não associaram o

tempo docente com um momento em que se dão interações, que é uma característica marcante do trabalho docente (TARDIF; LESSARD, 2005). Entretanto, no termo indutor espaço docente, referências às interações humanas foram amplamente utilizadas neste Grupo (69.23%). Seria interessante aprofundar esta análise com outras pesquisas para se compreender como os futuros professores percebem a articulação entre o espaço e o tempo docente enquanto constituintes de suas práticas. A formação continuada também não esteve presente enquanto constitutiva do tempo docente, embora estes sujeitos estejam cursando uma pós-graduação. Provavelmente, as palavras expressam um pensar e um saber sobre a docência, disseminados nesta categoria profissional, e não um pensar individual que valoriza a formação continuada.

Considerações finais

A pesquisa possibilitou uma compreensão mais aprofundada da visão de estudantes de pós-graduação sobre o espaço e o tempo docente, contribuindo com novos elementos para a apreensão da representação que eles constroem das relações entre os diversos atores escolares. Foi possível perceber que para o Grupo 1, composto pelos sujeitos graduados em Administração, Engenharia, Matemática e técnicos em Gestão, o termo espaço lembra “local de aprendizagem” e “materiais e instrumentos didáticos” necessários para o trabalho. Para o Grupo 2, as pedagogas, o espaço esteve fortemente relacionado ao estudo, à aprendizagem e às formas de interação e comunicação que se estabelecem no ambiente escolar. Para o Grupo 3, as enfermeiras, o espaço docente remeteu à idéia de limpeza, conforto e segurança, seguidos pelos materiais didáticos.

As palavras encontrariam referência nos conhecimentos que circulam e que fazem parte das experiências acadêmicas, profissionais e de vida dos sujeitos pesquisados. A escolha de diferentes palavras usadas pelos diferentes grupos como representativas do espaço e do tempo docente baseou-se, provavelmente, em um conhecimento sobre a profissão docente referenciado nas suas graduações e experiências profissionais. Portanto, pode-se concluir que as características e os interesses dos diferentes grupos nos informam sobre a importância que os tópicos espaço e tempo têm para eles.

Com relação ao grupo das pedagogas, foi possível observar que os lugares associados à docência se referiram à sala de aula, a biblioteca e ao laboratório (15.38%). Os outros espaços da escola como a cantina, o pátio, a quadra, as salas dos professores, da coordenação e da direção não foram citados. Para as pedagogas, a interação apareceu como um elemento importante, que surgiu, provavelmente, de um “saber” sobre um trabalho fundamentalmente interativo, como apontam Tardif e Lessard (2005). Esta representação pode ter tornado a percepção do espaço docente como importante para essa interação. Entretanto, esta relação esteve associada e limitada a esses espaços, o que pode indicar que os relacionamentos estavam ancorados nas ações de ensinar e aprender.

Como o formato e a organização dos ambientes condicionam a relação entre as pessoas que os frequentam (Goffman, 1963; Argyle, 1988; Le Breton, 2009), os outros espaços escolares podem propiciar outras formas de interação. Seria interessante, portanto, conceber práticas formativas de professores em que a relação professor-aluno fosse trabalhada em diferentes situações e contextos espaciais, explorando os outros ambientes que fazem parte da estrutura das escolas e expandindo a rede de relacionamentos.

Da mesma maneira que o formato e a organização dos ambientes condicionam a relação das pessoas que os frequentam, a concepção do tempo docente teria um efeito similar. Os resultados parecem mostrar que a preocupação com o processo de ensino-aprendizagem está relacionado às segmentações temporais em anos, semestres e aulas. Como pôde ser visto em Tarfif e Lessard (2005), o escalonamento do tempo, com sua rotinização e ritualidade que faz parte da profissão docente, pode condicionar as relações professor-aluno, professor-professor, professor-administração escolar, tornando-as impessoais. As imagens negativas associadas ao tempo docente expressas pelas palavras “cansativo”, “demorado” e “insuficiente”, que apareceram em 30% dos sujeitos no grupo das pedagogas, é ilustrativo dessa rotinização.

Quanto às repercussões destas representações para a sua prática futura, observa-se que, para as pedagogas, o conceito de docência está ancorado na ação presente. O trabalho do professor consiste no estabelecimento de um contato com o aluno durante o dia-a-dia e em sala de aula, enquanto que o planejamento ao longo do tempo não apareceu de forma significativa como indicativo de seu trabalho. Esses resultados levantam algumas questões: como seriam essas relações sem a rigidez da segmentação e do escalonamento do tempo docente? Que repercussões no processo de ensino-aprendizagem teriam as formas mais fluidas de pensar e vivenciar o tempo docente?

Concluindo, seria interessante aprofundar no estudo de como as representações do espaço e do tempo docente afetam o processo de ensino-aprendizagem e as relações entre os atores escolares, no sentido de orientar o trabalho do professor na perspectiva de práticas menos automatizadas que implicam necessariamente na reflexão sobre seu espaço e o uso que se faz dele.

Referências Bibliográficas

- ADAMS, R. S.; BRIDDLE, B. *Realities of teaching: Explorations with video tape*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1970.
- ARGYLE, M. *Bodily communication*. UK: Routledge, 1988.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Portugal: Edições 70, 1977.
- FOULCAULT, M. *Vigiar e punir. História da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOFFMAN, E. *Behaviour in public places*. USA: The Free Press, 1963.

JODELET, D. *Representações Sociais: um domínio em expansão*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

KNAPP, M.; HALL, J. *Comunicação não-verbal na interação humana*. São Paulo: JSN, 1999.

LE BRETON, D. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MASLOW, A.; MINTZ, N. Effects of esthetic surroundings: Initial effects of three esthetic conditions upon perceiving “Energy” and “Well Being” in faces. *Journal of Psychology*, 41: p. 247-254, 1956.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOMMER, R. *Personal space*. Englewood Cliff, NJ: Prentice-Hall, 1969.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes, 2005.

WOLLIN, D. D.; MONTAGRE, M. College classroom environment: Effects of sterility versus amiability on student and teacher performance. *Environment and Behavior*, 13, p. 707-716, 1981.

Notas

¹“O espaço garantirá que linhas de comunicação estejam abertas, ou seja, que pessoas se dirigindo umas às outras em um encontro não terão nenhum obstáculo físico que bloqueie a livre troca de olhares”.

²“Dirigir-se em direção ao território de outra pessoa é um tipo especial de ação social”.

³“O tamanho e o formato de uma sala, e a arrumação dos móveis podem funcionar como uma força que determina a proximidade e o ângulo no qual as pessoas sentam. Eles provavelmente terão que se sentar mais próximos ou em um ângulo diferente dos quais eles gostariam”.